

## III

## ORDEM DAS PALAVRAS E PHRASES NA CONSTRUÇÃO DE SENTENÇAS SIMPLES

**590.** A construção da sentença simples chama-se *direita* quando se segue na disposição das palavras e phrases a ordem logica da concepção do pensamento, ex.: « *Antonio livrou-se das garras do monstro por um esforço desesperado* ».

**591.** A construção da sentença simples chama-se *inversa* quando para maior energia de expressão não se attende na disposição das palavras e phrases á ordem logica das idéias, ex.: « *Por um desesperado esforço livrou-se Antonio das garras do monstro* ».

Sobre o logar que em casos especiaes devem occupar as diferentes partes do discurso já tudo ficou dito nas secções respectivas.

## IV

## ORDEM DOS MEMBROS E CLAUSULAS NA CONSTRUÇÃO DE SENTENÇAS COMPOSTAS

**592.** A construção da sentença composta chama-se *direita* quando se segue na disposição dos membros e clausulas a ordem logica das concepções que constituem o pensamento, ex.: « *Ha poucas linguas nesta sociedade gangrenada em que vivemos, que não apregõem as minhas vergonhosas derrotas como triumphos esplendidos* ».

**593.** A construção da sentença composta chama-se *inversa* quando na disposição dos membros e clausulas não se guarda a ordem logica das concepções que constituem o pensamento, ex.: « *Nesta sociedade gangrenada em que vivemos poucas linguas ha, que não apregõem como triumphos esplendidos as minhas vergonhosas derrotas* ».

A tendencia que actualmente apresentam todas as linguas para tornarem-se analyticas, é a causa da preferencia que cada vez mais tem a construção direita sobre a inversa.

Não é por se não fazer estudo dos modelos legitimos e castigos, não é por se lerem muito os livros francezes que se vai

transformando a lingua portugueza; nem tal transformação é vergonhosa ou prejudicial (1). Producto inevitavel, necessario, fatal da evolução linguistica, ella accusa nova phase do modo de pensar, accusa desenvolvimento do cerebro, accusa progresso da humanidade.

Compare-se a linguagem das seguintes descripções, uma, feita por um escriptor do seculo XVI, outras por um contemporaneo nosso :

« Seis leguas de Congóxima está huma fortaleza sujeita ao mesmo rei de Sacçuma, que se pôde contar entre as maravilhas de Japão: nem das desta sorte haverá muitas no mundo; porque, se n'outras partes se esmerou a arte, e industria humana em mostrar o saber, e ingenho com que contrafaz as cousas naturaes, aqui deu todas as mostras da força e violencia, que pôde fazer á mesma natureza. He o sítio huma alta e grande serra de rocha viva, onde está em roda, feita ao picão, huma cava mui larga, e tão profunda, que mais parece se abria para ir fazer guerra aos demonios no inferno, que para os homens se defenderem huns dos outros na terra: ficarão no meio do vão, e largura desta cava desapegados e postos, como insulas no mar, dez baluartes, que tendo no baixo o mesmo firme com ella, vem subindo, em boa proporção, solidos e massiços até o alto, onde são vasados quanto basta para commoda habitação da gente, que os defende. Ha d'huns aos outros boa distancia;

« O chão estava cheio de folhas sêccas, e, entre os troncos espaçados, moitas de hortensias pendiam abatidas, amarelladas dos chuveiros; ao fundo a casa baixa, velha, de um andar só, assentara pesadamente. Ao longo da parede grandes aboboras amadureciam ao sol, e no telhado, todo negro de inverno, esvoaçavam pombos. Por traz o laranjal formara uma massa de folhagens verde-escuras; uma nora chiava monotonamente.

.....  
 Junto do muro cresciam rosas de todo o anno; do outro lado, por entre os pilares de pedra que sustentaram a latada e os pés torcidos das cepas, via-se, batido de luz, com tons amarellados, um grande campo de herva; os tectos baixos do curral coberto de colmo destacaram ao longe em escuro, e desse lado um fumoquinho lere e branco perdia-se no ar muito azul.

.....  
 Era uma abertura estreita no vallado: a terra do outro lado, mais baixa, estava toda lamacentá. Via-se d'alli a fazenda da

(1) Ao pouco estudo dos classicos portuguezes e á leitura de livros francezes attribue Sotero dos Reis a transformação do Portuguez, e a qualificação de *vergonhosa metamorphose* (*Postillas citadas*, pag. 56—58)!!!

porque assim é mui grande o circuito da espantosa cava: mas todos se correm com pontes levadiças; e da mesma maneira se passa de cada hum ao campo do meio, onde está o forte principal. a quem estes de fóra servem sómente de muro (1) ».

*S. Joaneira: o campo plano estendia-se até um olival, com a herra fina muito estrellada de pequenos malmequeres brancos; uma vacca preta, de grandes malhas, pastava: e para além viam-se tectos aguçados dos casaes, onde voavam revoadas de pardaes (2) ».*

## V

## ESTYLO

**594.** *Estylo* é o modo peculiar de fallar e escrever que tem cada homem: quem o determina é a natureza: quem o corrige é a observação.

Todavia, ha certos modos irregulares de expressão de pensamento, que é util classificar. Estes modos irregulares de pensar e de exprimir o pensamento manifestam-se, alterando a syntaxe regular,

- |                     |                          |
|---------------------|--------------------------|
| 1) por omissão      | } de palavras e phrases. |
| 2) por augmento     |                          |
| 3) por transposição |                          |

**595.** As alterações da syntaxe regular acceitas pelo uso chamam-se *figuras de syntaxe*.

**596.** A omissão faz-se pela figura ellipse.

**597.** Consiste a *ellipse* na suppressão de uma ou mais palavras faceis de subentenderem-se, ex.: « *Ordeno que saias daqui* ».

Neste exemplo constitue ellipse a suppressão dos pronomes *eu* e *tu*.

**598.** A ellipse toma o nome

- 1) de *zeugma*, quando supprime-se o sujeito ou o verbo da sentença que coordena-se com outra, formando-se assim sen-

(1) LUCENA, *Vida de São Francisco Xavier*, Liv. VII, Cap. 21. Foi conservada a orthographia do auctor.

(2) EÇA DE QUEIROZ, *O Crime de Padre Amaro*, Porto, 1880, pag. 147, 148, 150.

tença contracta (Vide 363) ex.: « *Napoleão bateu os Austriacos, derrotou os Ingleses, destruiu os Mamelukos, venceu a todos—Deu a uns conselhos, a outros esperanças, a todos dinheiro* ».

- 2) de *sylllepse* quando supprime o substantivo ou o pronome com que deveria concordar o verbo ou o predicado, ex.: « *Eu e tu somos tolos* ».

**599.** A *sylllepse* póde ser

- 1) de genero, ex.: « *Vossa Magestade é justo e bom* ».  
 2) de numero, ex.: « *Parte dos inimigos fugiram* ».  
 3) de genero e de numero, ex.: « *Parte da gente foram destrôçados e mortos* ».

**600.** O augmento faz-se pela figura *pleonasm*o

**601.** Consiste o *pleonasm*o em junctar ás phrases outras phrases que em rigor deveriam ser omittidas, mas que servem para dar graça e energia ao pensamento, ex.: « *Parece-me a mim—Vi com estes olhos* ».

**602.** A transposição faz-se pela figura *hyperbato*.

**603.** Consiste o *hyperbato* na inversão das palavras e phrases da sentença.

**604.** O *hyperbato* toma o nome

- 1) de *anastrophe*, quando é ordenada a inversão das palavras e phrases, ex.: « *De Jesu Khristo a igreja vezes nove* ».  
 2) de *synkhysis* quando é desordenada a inversão de palavras e phrases, ex.: « *O céu fere com gritos nisto a gente (1)* ».

**605.** E' viciosa a *synkhysis* que gera confusão de idéias, ex.:

« *Entre todos co'o dedo eras notado*  
*Lindos moços de Arzilla em galhardia (2)* ».

## VI

### VICIOS

**606.** Vicios ha que deturpam o discurso, já nos seus elementos lexeologicos, já nos seus elementos syntacticos.

(1) CAMÕES, *Lusiadas*, Cant. VI, Est. LXXII.

(2) VASCO DE QUEVEDO MOUSINHO, *Affonso Africano*, Cant. III, Est. LXXIII.

**607.** O vicio lexeologico chama-se *barbarismo*, e consiste

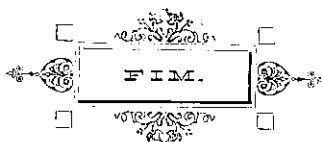
- 1) em usar de palavras e phrases extranhas á lingua, ex.: « *Affroso—Abat-jour* » em vez de « *Medonho—Quebra-luz* ».
- 2) em dar ás palavras significação que ellas não têm, ex.: « *Confeccionar—Desapercebido* » em vez de « *Organisar—Despercebido* ».
- 3) em accentuar e articular erradamente as palavras, ex.: « *Púdico—Cavão* » em vez de « *Pudico—Carvão* ».
- 4) em empregar termos obsoletos, ex.: « *Bofé—Lídimo* » em vez de « *Certamente—Legítimo* ».

**608.** O vicio syntactico chama-se *solecismo*, e consiste em infringir as regras da syntaxe, ex.: « *Nós vai—Para tu* » em vez de « *Nós vamos—Para ti* ».

**609.** Ha outros vícios que deturpam a parte musical, a harmonia do discurso; são:

- 1) a *kakophonia* ou encontro de duas palavras que produza uma terceira de significação baixa ou torpe, ex.: « **Alma minha—Essa fada—Ela trina** ».
- 2) o *hiato* ou encontro de vogaes accentuadas, ex.: « *Vou á aula—Mandou-o o honrado chefe* ».
- 3) o *ekho* ou concurrencia de sons identicos, ex.: « *Quando ando trabalhando—Elles procurarão consolação á afflicção de seu coração* ».
- 4) a *collisão* ou som aspero e desagradavel resultante da successão de articulações roladas ou sibilantes, ex.: « *Temol-o por rei—As azas azues* ».

Os rhetoricos têm regras e figuras para fazer de todos estes vícios primores de linguagem.



# ANNEXO

## Diatrise sobre a maneira latina e romanica de exprimir em abstracto a pluralidade indeterminada do agente de um verbo

Os factos de uma lingua qualquer só podem ser cabalmente elucidados pelo estudo historico comparativo da grammatica dessa lingua.

As explicações metaphysicas, mais ou menos subtis, mais ou menos engenhosas, nunca satisfazem.

Os meios que emprega o Latim, que empregam as linguas romanicas para indicar de modo abstracto a pluralidade indeterminada do agente de um verbo, têm servido de thema a milhares de divagações tão prolixas quanto abstrusas, tão requintadas quanto estereis.

Analysar esses meios á luz do estudo historico comparativo das grammaticas romanicas e da latina, eis o fim que levo em vista.

E não me apresento como exhibindo novidades : sigo apenas os passos dos srs. C. Waldbach e Adolpho Coelho, de Diez e Bopp, de todos os mestres de philologia e linguistica.

### I

O primeiro meio de indicar em Baixo Latim e nas linguas romanicas a pluralidade indeterminada do agente de um verbo, ó dar por sujeito a esse verbo o substantivo *homo* em Latim; *uomo* em Italiano; *hombre* ou *ome* em Hespanhol; *homem* em Portuguez; *ou* em Francez; *omul* em Valaquio.

Taes substantivos assumem neste caso verdadeiro kharacter pronominal, e equivalem exactamente ao *man* allemão.

Exemplos :

BAIXO LATIM. *Ut inter tabulas adspicere homo non posset* (1).

*Sic debet (debet) homo considerare* (2).

ITALIANO. *Com' uom fa dell'orribili cose* (3). *Com' uom dice* (4).

HESPAÑHOL. *No puede hombre conocer* (5). *Es razon que ome guarde mucho aquello* (6).

(1) GREGORIO DE TOURS, IV, 12.

(2) LUPUS, *Codex Diplomaticus*, pag. 527.

(3) DANTE, *Purgatorio*, XIV, 69.

(4) BUCCACCIO, *Decamerone*, I, 7.

(5) MARQUEZ DE SAN CILLANA, *Proverbios*, 70.

(6) *Las siete partidas del rey don Alfonso el sabio*, Tom. I, pag. 76.

PORTUGUEZ. *O que homem traz na phantazia* (1). *Segredos que homem não conhece* (2).

FRANCEZ. *On dit. On croit.*

VALAQUIO. *De este omul beteaq.*

O Francez é a unica lingua romanica que no periodo actual ainda conserva vigente este modo de expressão: applica-o elle a ambos os generos, a ambos os numeros—*On doit être bon. On doit être bonne. On se battit en désespérés.*

Em Portuguez a palavra *gente* presta-se a uso identico: *Quando a gente tem tutor ou padrinho...*

## II

Indica-se tambem nas linguas romanicas a pluralidade indeterminada do agente de um verbo, unindo-se a esse verbo o pronome reflexivo *se*, considerado como mera particula apassivadora.

Neste uso que remonta aos monumentos mais antigos do dominio românico, cumpre distinguir dous casos:

### 1.º) Expressão impessoal

#### A) com verbos transitivos

a) ITALIANO. *Si dice. Si crede. Si sa. Non si può dire.*

b) HESPAÑHOL. *Se dice. Se cree. Se sabe.*

c) PORTUGUEZ. *Diz-se. Crê-se. Sabe-se.*

#### B) com verbos intransitivos

a) ITALIANO. *Si va. Si vien: Si vive.*

b) HESPAÑHOL. *Se anda. Se viene. Si vive.*

c) PORTUGUEZ. *Vai-se. Vem-se. Vive-se.*

d) VALAQUIO. *Se merge. Se vine.*

### 2.º) Expressão pessoal. Neste caso o verbo, que só transitivo pôde ser, regula-se pelo numero do sujeito.

a) ITALIANO. *Il libro non si trova. I libri non si trovano.*

b) HESPAÑHOL. *Se teme una borrasca. Si dicen muchas cosas.*

c) PORTUGUEZ. *Dá-se um baile. Plantam-se arvores.*

d) FRANCEZ. *Cela se fait. La maison se bâtit.*

Sendo o sujeito, como nos exemplos adduzidos, nome de cousa, nada oppõe-se a esta construcção; si é, porém, o sujeito nome de pessoa ou mesmo de ser vivo, a expressão pôde ficar equívoca. Assim, não se dirá em Italiano—*I fratelli se puniscono*; em Hespanhol—*Las mujeres se miran*; em Portuguez—*Frem-se os soldados*, etc..

Mas, como não ha confusão a temer, diz-se em Italiano—*Laddove Cristo tutto di si merca* (3); em Hespanhol—*Las mujeres se conquistun por semejantes medios* (4); em Portuguez—*Vencem-se os reis com lisonjas*.

(1) BERNARDIM RIBEIRO, *Menina e Moço*, cap. VII

(2) CAMÕES, *Insultos*, Cant. III, Est. 69.

(3) DANTE, *Purgatorio*, XVII, 51.

(4) MENESES.

Segundo Diez a grammatica italiana prescreve o emprego da voz passiva propria em vez desta construcção com *si*, sempre que a phrase contem um pronome pessoal; ensina o douto mestre que se deve dizer—*Mi è stata tagliata la borsa*, e não *Mi si tagliò*. Todavia Silvio Pellico escreveu: *Mi si fece un lungo interrogatorio* (1).

Ora o que resta a saber é si estas fórmãs são realmente passivas.

São, e a prova é que ás vezes empregam-se com o agente claro.

Lê-se em Solis: *Adornó-se luego* por sus nismos criados *con las mejores alhajas de su guardaropa* (2). E em Cervantes: *En un instante se coronaron todos los corredores del patio* de criados e criadas (3).

E não é tudo: estas fórmãs correspondem com exactidão mathematica ás fórmãs passivas latinas.

A voz passiva em Latim classico tem por principaes objectos

- 1) trazer a lume o nome que teria servido de paciente, si a oração fosse construída em voz activa, nome esse que na passiva figura como sujeito.
- 2) indicar uma acção sem designação precisa do agente que a leva a effeito (4).

O primeiro destes usos só tem logar com verbos transitivos; o segundo estende-se até os intransitivos.

São ambos tão communs nos escriptos latinicos do periodo classico, que não se faz mister apontar exemplos; todavia adduzirei alguns do segundo

- 1) com verbos transitivos:

*Subeatur ista quantumcumque est indignitas.*

*Quom de foedere agitatum esset.* (TITUS LIVIUS).

- 2) com verbos intransitivos:

*Vivitur ex rupto.*

*Nunc pedibus itur.* (OVIDIUS).

*Itum est in consilio.*

*De provinciis decedatur.* (CICERO).

*Si agro Samnitum decederetur.* (TITUS LIVIUS).

Fica, pois, demonstrado que as fórmãs romanicas construídas com *se*, bem como as fórmãs latinas passivas, servem para exprimir a acção sem trazer a lume o agente, e para consignar a pluralidade indeterminada desse agente.

Mas como servem construcções tão differentes para um mesmo fim?

Não são differentes as construcções, e quem o vai provar é ainda o estudo historico comparativo.

As antigas linguas aryanas tinham tres vozes—a activa, a media e a passiva.

(1) *Le mie prigioni*.

(2) *Historia de la conquista de Mexico*.

(3) *Don Quijote*.

(4) GUARDIA E WIERZEYSKI.



A voz *activa* indicava uma acção do sujeito, a qual passava para um objecto; a *media* exprimia uma acção que, partida do sujeito, recahia sobre elle proprio; a *passiva* traduzia uma acção que, vinda de agente extranho, era recebida ou soffrida pelo sujeito.

Volviendo os annos, a voz *media* confundiu-se com a *passiva*.

Os tempos dos verbos em Grego, á excepção do primeiro aoristo e do futuro, têm as mesmas fórmas para a voz *media* e para a *passiva*.

O Latim teve de certo, para exprimir o sentido da voz *media*, desinencias analogas ás gregas *mai, sai, tai*; perderam-se, porém, deixando apenas os vestigios que hoje nos auctorisam a tal supposição. Substituiu-as uma formação periphrastica: o pronome reflexivo *se* juntou-se ás fórmas de todas ás pessôas dos tempos de acção incompleta da voz *activa* para constituir uma nova forma de voz *media*, que afinal veiu a ser a *passiva* do periodo classico.

A tendencia das linguas aryanas foi sempre exprimir o sentido da voz *media* por fórmas simples: os elementos, pois, da composição fundiram-se em Latim, e constituíram palavras apparentemente simples.

Tal fusão operou-se sob a acção das leis phoneticas peculiares ao Latim.

Dessas leis tres ha que se faz mister conhecer para se poder comprehender o processo da fusão:

1.a) Entre duas vozes a modificação *s* converte-se em *r*.

2.a) As vozes finaes não accentuadas caem.

3.a) As vozes longas finaes abreviam-se.

Assim, pois, por exemplo, pela addicção do pronome reflexo *se*

<b>lego</b>	deu	<b>legose,</b>	<b>legore,</b>	<b>legor ;</b>
<b>lege</b>	>	<b>legese,</b>	<b>legere ;</b>	
<b>legeto</b>	>	<b>legetose,</b>	<b>legetore,</b>	<b>legetor ;</b>
<b>leganto</b>	>	<b>legantose,</b>	<b>legantore,</b>	<b>legantor ;</b>
<b>legam</b>	>	<b>legase,</b>	<b>legare,</b>	<b>legar ;</b>
<b>legis</b>	>	<b>legise,</b>	<b>legire,</b>	<b>legere ;</b>
<b>legimus</b>	>	<b>legimuse,</b>	<b>legimure,</b>	<b>legimur.</b>

Nas terceiras pessôas em *t*, como *legit, legunt*, encontra-se na voz *passiva*, entre a desinencia *activa* e o pronome reflexivo *passivador se*, um *u*:

<b>legit,</b>	<b>legituse,</b>	<b>legiture,</b>	<b>legitur ;</b>
<b>legunt,</b>	<b>leguntuse,</b>	<b>legunture,</b>	<b>leguntur.</b>

Provém de certo esse *u* de um *o* connectivo que se vê tambem na desinencia grega *to*.

E' verdade que em Latim não ha forma correspondente á forma grega *elégeto*; mas ás fórmas gregas *légoito, légointo* correspondem as latinas *legeto, legento*, que, pela addicção do pronome *se*, e por transformações regulares converteram-se em *legetor, legentor*.

Muito se poderia aprofundar este assumpto; basta, porém, o que fica dito para provar que as fórmas *passivas* dos tempos de acção incom-

pleta do periodo classico latino foram fórmias medias creadas pela addição do pronome *se* ás fórmias activas correspondentes.

Ora, é exactamente o mesmo o que se dá nas linguas romanicas: a voz media ou reflexa converteu-se em voz passiva, apropriando-se nas terceiras pessôas a exprimir a pluralidade indeterminada de um agente que se não especifica.

Ha ainda a notar que a voz reflexa em romanico é tambem empregada como equivalente da passiva nas primeiras e nas segundas pessôas. E' obvio o sentido passivo destas construcções:

*Devoro-me de pezar.*  
*Tu te pagas de lisonjas.*

Mesmo em Inglez, lingua *fontièrment* germanica, ha um passivo curiosissimo para exprimir a pluralidade indeterminada do agente:

*Pieter is said to have spent uselessly his time.*  
*We do not suffer ourselves to be trifled with.*

Nesta identidade dos meios de expressão, dos processos linguisticos dos modernos idiomas aryanos, não se enxergará um effeito do atavismo, lei tão provada na evolução sociologica, como o está na biologica?

### III

Em Latim e Grego a terceira pessôa do singular da voz passiva, quando se tracta de indicar de modo abstracto a pluralidade indeterminada do agente, pôde ser trocada pela terceira pessôa do plural da voz activa sem sujeito claro: em Latim *dicitur* equivale a *dicunt*; em Grego *légetai* tem a mesma força que *légousi*.

O mesmo dá-se na mór parte das linguas romanicas, o mesmo acontece em Inglez: em Italiano *si dice* vale tanto como *dicono*; em Inglez *credit is given to this* e *they give credit to this* são expressões identicas.

Em Portuguez e Hespanhol são vernaculissimas construcções como estas:

*Mataram o general em Paris.*  
*Me han convidado para las cinco menos cuarto.*

Este verbo no plural representa muitas vezes uma acção que, pelo contexto, sabe-se ter sido exercida por agente do singular.

*Menina e moça me levaram da casa de meu pae para longes terras (1).*  
*Una vira me han tirado (2).*

Em ambos estes exemplos quem executou a acção do verbo foi uma só pessôa.

(1) BERNARDIM RIBEIRO, *Menina e Moça*.  
(2) *Silva de romances viejos*.

Frequentemente dá-se em Portuguez á terceira pessoa do plural da voz activa um sujeito que, sendo incapaz de exercer a acção do verbo, indica por isso mesmo a pluralidade indeterminada do agente verdadeiro :

*Muitos a vida, e em terra extranha e alheia  
Os ossos para sempre sepultaram (1).*

*E os que neste sentido o acompanharam  
Os ossos em penhascos transformaram (2).*

Objectar-se-á de certo que, a ser assim, só philologos e linguistas poderão entender e explicar taes construcções.

Mas, por Deus, de accordo, de perfeito accordo!

Não ha necessidade de dar a uma pessoa razões falsas, por isso que ella não póde entender as verdadeiras.

Ao estudante de grammatica basta que lhe ensinem o uso correcto : quem se lembrou jamais de explicar a um menino que começa a aprender a grammatica de sua lingua o processo de derivação porque passaram as conjugações dessa lingua para chegarem ao estado em que se acham?

Ninguem, porque seria desatino.

Pois o que se dá na lexeologia, porque se não dará na syntaxe?

Apresenta-se a declinação, a conjugação como factos linguisticos ; pois apresente-se tambem do mesmo modo a construcção, deixando-se de parte elucidacões especiosas.

Explique e entenda um e outro facto, e todos os da lingua, quem tiver estudado philologia e linguistica.

Subtilezas só engendram confusão : em metaphysica cada qual discretoia a seu modo, e ha sempre tantas sentenças quantas são as cabeças.

As irregularidades, os idiotismos, os dizeres íntimos de uma lingua só pelo estudo historico comparativo podem ser postos em luz, explicados, solvidos.

Campinas, 27 de Agosto de 1881.

(1) CAMÕES, *Lusiadas*, Cant. V, Est. 81.

(2) GABRIEL PEREIRA DE CASTRO, *Ulysséa*, Cant. V, Est. 91.



# ERRATA

---

PAGS.	LINHS.	ERROS	EMENDAS
6	5	francez	Francez
7	26	explosão	explosão
9	5	trese	treze
10	21	<b>grado</b>	<b>grado</b>
14	9—10	do plusquam perfeito	do imperfeito e do plusquam perfeito
»	12	<i>partúreis</i>	<i>partúreis</i>
15	7	Gibraltar	<i>Gibraltar</i>
»	8	Gibraltar	<i>Gibraltar</i>
»	15	Gibráltar	<i>Gibráltar</i>
»	17	Gibraltár	<i>Gibraltár</i>
»	26	<i>hidrophobia</i>	<i>hydrophobia</i>
»	30	<i>supremacia</i>	<i>supremacia, theocracia, etc..</i>
16	11	<i>Ephigenia</i>	<i>Iphigenia</i>
17	15	Yo	<i>Io</i>
18	3	<i>safáro</i>	<i>sifaro</i>
»	6	<i>mellyfluo</i>	<i>mellyfluo</i>
»	8	<i>incubo</i>	<i>incubo</i>
»	31	<i>Yúlo</i>	<i>Iúlo</i>
20	22	<i>môrno</i>	<i>môrmo</i>
»	33	<i>organizada</i>	<i>organizada</i>
24	21	da uso	do uso
27	22	<i>tuto</i>	<i>tudo</i>
29	37	escriptas com <b>kh</b>	escriptas com <b>X</b>
30	3	o <b>kh</b>	o <b>X</b>
»	6	<b>kh</b>	<b>X</b>
»	20	Cezar	Cesar
»	26	<i>khilo</i>	<i>khiloi</i>
»	38	<i>Analitica</i>	<i>Analytica</i>
»	40	Cezar	Cesar
32	29	<i>heliometro</i>	<i>heliometro</i>
33	2	trascrever	transcrever
»	44	16 Janeiro	16 de Janeiro
37	27	<i>apophtegma</i>	<i>apophthegma</i>
45	5	<i>gentilhomem</i>	<i>gentilómem</i>
50	8	principios	principio
51	20	de se compõe	de que se compõe
55	23	Artigo	<i>Artigo</i>
56	24	particularlisar-lhe	particularisar-lhe
63	13	excluinto	excluindo
64	19	Nas sentenças	Nas sentenças negativas
»	20	Nas proposições affirmativas	Nas affirmativas
71	21	nmica	única
73	11	9)	8)
»	26	e e desinencia	e a desinencia

PAGS.	LINHS.	ERROS	EMENDAS
96	16	fuzível	fusível
138	11	Morrer, morrido, morto	(Passa a ser a linha 27 da pag. 139).
139	35	Rafracto	Refracto
144	35	<del>luxo</del>	<i>luxu</i>
145	23	<i>opera</i>	<i>operæ</i>
157	11	<i>pintura</i>	(omitta-se)
162	51	fómas	fórmās
164	8		ADJECTIVO
›	22	pricipaes	principaes
165	4	suffiro	suffixo
172	19	fóma	fórma
173	21	para e Portuguez	para o Portuguez
176	10	imperfeito	imperfeito
›	15	particaipio	participio
177	25	peessoa	peessoa
›	34	Pass.	Pess.
178	22	CONJUGAÇÃO	CONJUGAÇÃO
179	3	anlogia	analogia
180	1	sycpe	syncope
186	36	pôr	por
191	34	nstinctivo	instinctivo
201	11	sentença	sentença
203			(supprimam-se as linhas 22 e 23).
206	1—2	de de genero	de gcnero
207	4	A adjuncto	O adjuncto
213	27	singalar	singular
217	22	<i>oito cento</i>	<i>oito centos</i>
223	9—10	<i>ME não me tivesses</i>	<i>ME não tivesses</i>
225	29	<i>Parece-me me</i>	<i>Parecz-me</i>
›	33	expressos :	expressos,
227	21	antecente	antecedente
234	32	sujunctivo	subjunctivo

Os erros que vimos ahí ficam emendados ; si alguns meramente de fôrma nos escaparam, corrigil-os-á o leitor intelligente.



# INDICE

---

<b>Introdução</b>	1
<b>Parte primeira</b> —Lexeologia	3
LIVRO PRIMEIRO—Elementos materiaes das palavras	3
<i>Secção primeira</i> —Phonetica	3
» <i>segunda</i> —Prosodia	10
» <i>terceira</i> —Orthographia	22
LIVRO SEGUNDO—Elementos morphicos das palavras	51
<i>Secção primeira</i> —Taxeonomia	51
I—Substantivo	53
II—Artigo	55
III—Adjectivo	56
IV—Pronome	59
V—Verbo	61
VI—Preposição	68
VII—Conjunção	69
VIII—Adverbio	70
IX—Interjeição	72
<i>Secção segunda</i> —Kampenomia	73
I—Substantivo	79
§ 1.º—Genero	79
§ 2.º—Numero	85
§ 3.º—Grau	89
II—Artigo	93
III—Adjectivo	94
§ 1.º—Genero	94
§ 2.º—Numero	95
§ 3.º—Grau	96
IV—Pronome	98
V—Verbo	99
<i>Tabella</i> 1—Conjug. do verbo HAVER	100
» 2— » » » TER	102
» 3— » » » SER	104
» 4— » » » ESTAR	106
» 5— » » » CANTAR	108
» 6— » » » VENDER	110
» 7— » » » PARTIR	112

<i>Tabella</i>	8—Conjug. do verbo Pôr . . . . .	114
»	9— » » » SER VENDIDO . . . . .	116
»	10—Quadro comparativo das termina- ções dos tempos simples das qua- tro conjugações regulares . . . . .	118
»	11—Conjug. do verbo HAVER DE CANTAR . . . . .	120
»	12— » » » ANDAR CANTANDO . . . . .	122
»	13— » » » QUEIXAR-SE . . . . .	124
»	14— » » » TROVEJAR . . . . .	126
	—Verbos irregulares . . . . .	127
	—Verbos defectivos . . . . .	136
	—Verbos com dous participios aoristos . . . . .	136
	VI—Adverbio . . . . .	142
<i>Secção terceira</i>	—Etymologia . . . . .	142
	I—Substantivo . . . . .	146
§ 1.º	—Substantivos portuguezes derivados de substantivos latinos . . . . .	146
§ 2.º	—Substantivos derivados de palavras da lingua portugueza . . . . .	148
	—Affixos . . . . .	149
	—Prefixos . . . . .	149
	—Suffixos . . . . .	153
	—Substantivos derivados de verbos . . . . .	157
§ 3.º	—Substantivos derivados de linguas extrangeiras . . . . .	158
	—Lista das palavras gregas radicacs mais vulgarmente usadas . . . . .	159
	II—Artigo . . . . .	162
	III—Adjectivo . . . . .	164
§ 1.º	—Adjectivos descriptivos . . . . .	164
	—Duplas . . . . .	167
§ 2.º	—Adjectivos determinativos . . . . .	168
	IV—Pronome . . . . .	169
§ 1.º	—Pronomes substantivos . . . . .	169
§ 2.º	—Pronomes adjectivos . . . . .	170
	V—Verbo . . . . .	171
	—Estudo historico das fórmãs do ver- bo SER . . . . .	171
	—Estudo historico da conjugação re- gular portugueza . . . . .	176
	—Formação dos verbos . . . . .	186
	VI—Preposição . . . . .	187
	VII—Conjunção . . . . .	188
	VIII—Adverbio . . . . .	189



<b>Parte segunda</b> —Syntaxe - Generalidades	193
LIVRO PRIMEIRO—Syntaxe lexica	195
<i>Secção primeira</i> —Relação das palavras entre si	195
<i>segunda</i> —Particularidades do sujeito, do predicado e do objecto	199
I—Sujeito	199
II—Predicado	199
III—Objecto	200
LIVRO SEGUNDO—Syntaxe logica	200
<i>Secção primeira</i> —Coordenação	201
<i>segunda</i> —Subordinação	203
I—Clausulas substantivos	203
II—Clausulas adjectivos	204
III—Clausulas adverbios	204
LIVRO TERCEIRO—Regras de syntaxe	205
I—Substantivo	205
II—Artigo	206
§ 1. <sup>o</sup> —Concordancia do artigo	206
§ 2. <sup>o</sup> —Uso do artigo definido antes de um só substantivo	206
§ 3. <sup>o</sup> —Uso do artigo indefinido antes de um só substantivo	210
§ 4. <sup>o</sup> —Uso dos artigos antes de substantivos consecutivos	211
III—Adjectivo	212
§ 1. <sup>o</sup> —Concordancia do adjectivo	212
§ 2. <sup>o</sup> —Posição do adjectivo	215
§ 3. <sup>o</sup> —Repetição e omissão do adjectivo determinativo antes de um ou de mais substantivos	217
§ 4. <sup>o</sup> —Adjectivos numeraes	217
§ 5. <sup>o</sup> —Adjectivos conjunctivos	217
§ 6. <sup>o</sup> —Formação dos comparativos e dos superlativos	218
§ 7. <sup>o</sup> —Adjectivos correlativos	219
IV—Pronome	220
§ 1. <sup>o</sup> —Pronomes substantivos em relação adverbial	220
§ 2. <sup>o</sup> —Pronomes substantivos em relação objectiva adverbial	220
§ 3. <sup>o</sup> —Posição e influencia dos pronomes substantivos em relação subjectiva, objectiva e objectiva adverbial	220
§ 4. <sup>o</sup> —Emprego pleonastico dos pronomes substantivos	224

§ 5.º—	Uso particular de alguns pronomes demonstrativos	226
§ 6.º—	Pronomes conjunctivos	226
§ 7.º—	Pronomes indefinidos	227
	V— Verbo	227
§ 1.º—	Sujeito	227
§ 9.º—	Predicado	229
§ 3.º—	Objecto	230
§ 4.º—	Significação transitiva e significação intransitiva	231
§ 5.º—	Voz activa e voz passiva	232
§ 6.º—	Modos	234
§ 7.º—	Fórmias nominaes do verbo	239
§ 8.º—	Substituição dos tempos dos verbos uns pelos outros	243
§ 9.º	Correspondencias dos tempos dos verbos entre si	244
§ 10.—	Ser e Estar	251
§ 11.—	Verbos impessoaes	254
§ 12.—	Concordancia do verbo com o sujeito	258
	VI— Negações	260
	VII— Preposição	262
§ 1.º	A	262
§ 2.º	Ante	264
§ 3.º	Apos, Pós	264
§ 4.º	Até, Té	264
§ 5.º	Com	264
§ 6.º	Contra	265
§ 7.º	De	265
§ 8.º	Desde, Des	267
§ 9.º	Em	267
§ 10.—	Entre	268
§ 11.—	Para	268
§ 12.—	Por	269
§ 13.—	Sem	270
§ 14.—	Sob	270
§ 15.—	Sobre	271
§ 16.—	Trás	271
§ 17.—	Preposições concurrentes	271
VIII—	Conjunção	271
IX—	Adverbio	272
X—	Interjeição	273

---

LIVRO QUARTO—Additamentos . . . . .	273
I—Pontuação . . . . .	273
II—Emprego de letras maiúsculas . . . . .	279
III—Ordem das palavras e phrases na construcção das sentenças simples . . . . .	281
IV—Ordem dos membros e clausulas na construcção de sentenças com- postas . . . . .	281
V—Estylo . . . . .	283
VI—Vicios . . . . .	284
—Diatrise sobre a maneira latina e românica de exprimir em abstra- cto a pluralidade indeterminada do agente de um verbo . . . . .	286
—Errata . . . . .	293
—Indice . . . . .	295